

PR/MCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO EDUARDO GALVÃO

POVOS DAS ÁGUAS:  
Realidade e perspectivas na Amazônia

(Organizadores: Lourdes G. Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiuza de Mello)

Belém - Pará  
1993

- FERREIRA, C. P. 1990. Contribuição ao conhecimento da fauna dos manguezais. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E O MAR, 4. coletânea... São Paulo, PPCAUB/USP, 115-124.
- FURTADO, L. 1980. *Currallistas e redeiros de Marudá; pescadores do litoral do Pará*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 364 p. *Tese de mestrado*.
- HURLEY, J. 1933. *No domínio das águas: livro dos pescadores paraenses*. Belém, Instituto Dom Macedo Costa. 114p.
- JAGUARIBE, H; SILVA, N. V; ABREU, M. P; AVILA, F. B. & FRITSCH, W. 1989. *Brasil, reforma ou caos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 308 p.
- LOBATO, C. 1988. Áreas de conservação ambiental para o Estado do Pará. *Pará Desenvol.* Belém, (24) : 20-40, jul/dez.
- LOUREIRO, V.R. 1985. *Os parceiros do mar*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 227 p.
- MACIEL, N.C. 1989. Manguezal, por que preservar? *Eng.Ambient.*, 2 (5) : 31-37, jan.
- MANESCHY, M.C. 1988. *Uma comunidade pesqueira ameaçada*. Belém, Universidade Federal do Pará. 223 p. *Tese de mestrado*.
- MAUES, R.H. & MAUES, M.A.M. 1979. *Pesca e agricultura na Amazônia: a integração de uma comunidade rural ao modo de produção capitalista*. In : ENCONTRO DO GRUPO, AGRICULTURA NA AMAZÔNIA, 6 Porto Velho, PIPSA : 1-16.
- MELLO, A.B.F. 1985. *A pesca sob o capital; a tecnologia a serviço da dominação*. Belém, Universidade Federal do Pará, 296 p.
- NORDI, N. 1989. Aspectos da interação dos pescadores-catadores com seu meio ambiente, com ênfase nos caranguejeiros. In: DIEGUES, A.C. (org.) Encontro de Ciências Sociais e o Mar, 3. Coletânea de Trabalhos Apresentados. São Paulo, IOUSP/F.FORD/UTCN. p: 133-140.
- PAIVA, M.P. 1981. *Recursos pesqueiros marinhos e estuarinos do norte do Brasil*. Brasília, SUDEPE, 1981. 250 p. (Coleção Estudos sobre desenvolvimento pesqueiro, 1)
- PENNER, M. E. S. 1984. *A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico*. Belém, Universidade Federal do Pará. 158 p.
- RODRIGUES, R. & SANTOS, R. S. *Caetano de Odivelas, nossa terra, nossa gente*. 77 p.
- SANT'ANNA, E. M. et WHATELY, M. H. 1981. Distribuição dos manguezais do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 43(1): 47-63, jan./mar.
- SIMÕES, M. F. 1981. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (PA). Nota preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia*, Belém (78): 1-26.
- SUDEPE-PA/AP. 1988. *O setor pesqueiro no Estado do Pará; diagnóstico (versão preliminar)*. Belém, COREG PA/AP.
- VERISSIMO, J. 1970. *A pesca na Amazônia*. Belém, Universidade Federal do Pará. 130 p.

## GÊNERO E TRABALHO NAS SOCIEDADES PESQUEIRAS

Edna F. Alencar<sup>1</sup>

*RESUMO - O modelo bipolar de divisão sexual do trabalho predominante em sociedades pesqueiras, como apresentado em etnografias, tem se caracterizado pela distinção das atividades realizadas pelo homem e pela mulher. Este modelo apresenta uma divisão rígida das atividades e dos espaços onde são realizadas de acordo com os gêneros. O homem atua no espaço aquático e a mulher no espaço da terra. O viés do pesquisador, ao enfatizar esse modelo, torna invisível e sem importância o trabalho da mulher no espaço aquático. Este trabalho, além de apontar para a flexibilidade do modelo, também aponta para a arbitrariedade da divisão sexual do trabalho, baseada nas diferenças dos gêneros, e para a necessidade de se reavaliar a postura do pesquisador em campo. Torna-se necessária a realização de estudos que enfatizem o papel da mulher nessas sociedades, pela observação da forma como se constroem as relações de gêneros.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesca amazônica, Gênero, Divisão sexual do trabalho, Mulher, Pesca litorânea.

*ABSTRACT - The bipolar model of sexual work separation predominant in fishing societies, how it is presented in ethnographies, is characterized by the distinction of activities realized by men and by women. This model present a rigid division of the activities and spaces where they are realized in accord of the gender. Man act in the aquatic space and woman in the land space. The research bias, when emphasize this model, make invisible and without importance the woman's work in the aquatic space. This article, plus than point to the model flexibility, point to the arbitration, of the sexual work separation, based in the gender differences, and point to the necessity of a reevaluation of the field research's behavior. It's necessary the realization of studies which emphasize the women role in this societies, by the observation of the form how the gender relations are constructed.*

**KEY WORD:** Amazon fishing, Gender, Sexual work separation, Woman, Coastal fishing.

<sup>1</sup> Bolsista de Desenvolvimento Científico Regional - CNPq - Museu Paraense Emílio Goeldi.

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema ora apresentado surgiu por ocasião da elaboração da nossa dissertação de mestrado, submetida ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (Alencar 1991). O objetivo do estudo foi conhecer como as identidades de gênero são construídas no universo pesqueiro e os modelos de divisão sexual do trabalho decorrentes dessa construção. Além do trabalho de investigação empírica, também analisamos algumas etnografias desenvolvidas em comunidades pesqueiras litorâneas, realizando um diálogo, para conhecer a maneira como têm sido construídas as relações de gênero no universo pesqueiro litorâneo e os modelos de divisão sexual do trabalho mais recorrentes. Grande ênfase foi dada à observação do papel da mulher, principalmente no que se refere ao contexto da organização do trabalho na pesca.

Como universo de estudo, tomamos a comunidade de pescadores de Lençóis, situada na ilha dos Lençóis, litoral do estado do Maranhão, região conhecida como Baixada Ocidental Maranhense (IBGE... 1980). A pesquisa dos textos antropológicos constou da leitura de estudos realizados em várias comunidades pesqueiras do litoral brasileiro, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre eles, podemos citar: Peirano (1975); Motta-Maués (1977); Cameiro (1979); Tavares (1979); Duarte (1978); Gonzaga (1980); Furtado (1987); Diegues (1983), entre outros.

A leitura desse material etnográfico, além de apontar para algumas questões que serão agora discutidas, também chamou a atenção para a carência de estudos sobre a mulher e as relações de gênero no universo social da pesca. Esta carência é ainda mais acentuada, quando se trata das águas interiores, particularmente no que se refere à Região Amazônica. No entanto, pesquisas que estão sendo desenvolvidas podem contribuir com informações sobre o papel da mulher neste universo<sup>2</sup>. Esperamos que o material etnográfico oriundo desses estudos possa trazer contribuições para responder aos questionamentos levantados por outros pesquisadores, principalmente no que se refere a uma universalidade do papel da mulher no contexto da organização do trabalho na pesca. Além da pesquisa empírica, toma-se necessário fazer

<sup>2</sup> Esses estudos estão vinculados ao projeto "Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Pesqueiras da Amazônia: estudo do homem e do ambiente", coordenado pela Dra. Lourdes Furtado, do Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq.

um levantamento do material etnográfico existente sobre comunidades pesqueiras na Amazônia; tanto aquelas que estão localizadas no litoral, quanto em águas interiores (ribeirinhas e lacustres). A partir desses dados, é possível estabelecer um diálogo com os estudos em desenvolvimento.

A compreensão das formas como se dão as relações de gêneros, como se constroem os modelos de organização do trabalho e o papel da mulher nesse universo, deve partir de uma análise comparativa. O resultado dessa análise, juntamente com a pesquisa empírica, pode contribuir para repensar algumas teorias que têm sido amplamente utilizadas para analisar estas questões.

## RELAÇÕES DE GÊNEROS E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NOS TEXTOS

De uma maneira geral, o material etnográfico disponível sobre populações pesqueiras refere-se à relação homem/natureza, enquanto presente nos seus processos de simbolização. A forma como essas populações interagem com a natureza e exploram-na produtivamente encontra expressão nos modos como organizam o trabalho e se relacionam socialmente.

As etnografias consultadas apontaram para a existência de uma díade básica pela qual se organiza o universo da pesca, que é marcado pelas relações que se estabelecem entre dois espaços distintos: terra e mar. Estes espaços contêm duas dimensões, uma da ordem da espacialidade e outra da ordem das elaborações simbólicas (Alencar 1991). A análise desse material etnográfico, utilizado como interlocutor, apontou para as relações que se estabelecem entre os gêneros na organização do trabalho na pesca e para a recorrência de um modelo bipolar de divisão sexual do trabalho e dos espaços. Essa divisão, além de expressar uma perspectiva simbólica do espaço, elaborada a partir da visão do grupo, também deixou claro, que a ótica do pesquisador na leitura dessa divisão, pode predominar, ao enfatizar algumas marcações.

A forma de organização social do trabalho na pesca apresentada nos textos, enfatiza um modelo bipolar de divisão do trabalho, que se caracteriza pela ênfase que é dada à distinção das atividades e dos espaços de acordo com os gêneros. O mar aparece como um espaço principalmente ou exclusivamente masculino, onde ocorrem as atividades tidas como as mais significativas para a economia do grupo. Em terra, o elemento que se destaca

é a mulher, atuando num espaço onde são realizadas as atividades consideradas de importância “menor”, as do espaço doméstico, as da agricultura (Motta-Maués 1977 e Peirano 1975), a fabricação do carvão (Alencar 1991) e até mesmo aquelas realizadas nas beiras de praia. São assim percebidas porque não geram renda, ainda que o grupo delas dependa para sua subsistência. Apesar desta visão, sabemos que estas atividades, mesmo que gerando pouca renda, são significativas porque complementam ou suportam a atividade principal realizada no mar, a pesca.

Este modelo bipolar de divisão sócio-espacial e do trabalho recorrente nas etnografias tem sido característico da visão intelectual da tradição pesqueira. Em alguns casos, aparece de forma rígida, principalmente porque reforça as distinções das atividades de acordo com os espaços e com o gênero que as realizam<sup>3</sup>. Também porque remete a categorias classificatórias que expressam valores diferenciados para as atividades quando realizadas no mar ou na terra. Em alguns casos, a análise que se sobressai obscurece a importância das atividades femininas, seja no mar ou na terra, pois não considera sua relação orgânica com a pesca. Assim, muito da “invisibilidade” da mulher em atividades de pesca decorre da ótica do pesquisador na construção etnográfica e interpretativa do seu objeto de estudo. Na construção, certos aspectos da realidade são privilegiados, de acordo com o “recorte” realizado para alcançar os objetivos do estudo.

Nos últimos anos, esse modelo de divisão sexual do trabalho tem sido alvo de críticas por parte de estudiosos que desenvolvem pesquisas com interesses voltados para a observação do papel da mulher e para as relações de gênero nas sociedades pesqueiras (Woortmann 1990, Alencar 1991). As críticas têm recaído principalmente à sua generalização, que acontece quando um modelo de divisão sexual do trabalho, construído a partir da análise de uma realidade particular, é utilizado para dar conta de outras realidades. Nesse sentido, o modelo é utilizado para analisar outros grupos sociais, apenas porque partilham de um mesmo ambiente geográfico e ecológico, ou porque realizam atividades produtivas semelhantes. Essa transposição gera análises distintas. De um lado, pode ocorrer a reificação de certas características comuns, que são apropriadas e estendidas a outros grupos sociais, sem levar em consideração as diversidades socioculturais, ambientais e históricas. Por

<sup>3</sup> Este é caso dos trabalhos de Peirano (1975), Motta-Maués (1977) e Gonzaga (1980).

outro lado, implica no mascaramento de realidades que não são aparentes no discurso do grupo, mas que podem ser captadas pelo olhar do pesquisador, desde que o mesmo esteja atento para observar os “imponderáveis” da vida do grupo. No primeiro caso, embora tomado de forma genérica, o modelo baseia-se em dados empíricos restritos a realidades particulares.

A participação da mulher em atividades de pesca é um fato etnográfico que precisa ser observado e interpretado, tomando o universo do trabalho na pesca como um todo. Portanto, é preciso observar os diferentes fenômenos que estão presentes no contexto da análise, mas que muitas vezes não são incorporados. Embora essas atividades não ocorram nos mesmos espaços de realização das atividades masculinas, e com a mesma frequência, a mulher possui uma relação orgânica com a pesca. Certas atividades que ela desenvolve fazem parte do processo de trabalho da pesca<sup>4</sup>, cuja atividade principal é a captura do peixe. Dentre estas atividades estão a confecção e conserto de materiais de trabalho - covos, redes, etc. -, ou o trabalho de beneficiamento do pescado - limpeza e salgagem. Estas atividades, assim como as que desenvolve no espaço da casa, suportam aquelas realizadas pelo homem, que pode assim se dedicar totalmente à atividade de captura.

No entanto, estas atividades são consideradas como menos importantes por duas razões. Primeiro, por ocorrerem em terra, longe dos perigos e das intempéries do mar; segundo, por estarem mais voltadas para a reprodução e manutenção do cotidiano familiar, para a reprodução das rotinas. Essas atividades, ocorrem dentro de um espaço temporal cíclico, que é o da reprodução, e se opõem ao tempo linear da produção, que é o tempo masculino. Enquanto o primeiro é repetitivo, intranscendente, o segundo possui marcações próprias, definidas, ou seja, tem começo e tem fim. Não se repete.

Assim, homens e mulheres, no que se refere ao campo do trabalho, são percebidos numa perspectiva diametralmente oposta. O homem está situado no espaço considerado como sendo o da produção, no mar, onde desenvolve atividades geradoras de renda. O trabalho na pesca, atividade produtiva colocada sob sua égide, é mais valorizado por ser o principal meio pelo qual o grupo obtém os demais produtos necessários a sua reprodução. Sobre esta

<sup>4</sup> O processo de trabalho na pesca compreende as atividades de confecção dos materiais de pesca (redes, barcos, etc.), consertos desses materiais, a captura do pescado, a conservação e comercialização da produção.

atividade se estrutura a identidade coletiva do grupo. A mulher está situada no espaço da terra, encarregada da reprodução, da geração de vida, e, assim como a terra, ambas são vistas enquanto parte da natureza, com suas temporalidades cíclicas.

A partir dessas concepções, foi elaborado um modelo bipolar de divisão sexual do trabalho. E é a partir desse modelo que têm sido construídas as leituras das formas de organização social do trabalho das diversas sociedades pesqueiras. Nas sociedades pesqueiras, o modelo de divisão sexual do trabalho que tem sido utilizado e generalizado, tem reificado a “invisibilidade” do trabalho da mulher na pesca. O papel que a mulher desempenha nesse universo tem sido generalizado, sem levar em consideração as especificidades de cada grupo social, referidas anteriormente. Assim, tomar características relacionadas a situações específicas de grupos particulares e estendê-las a outros implica, muitas vezes, na percepção aparente de uma dada realidade. Percepção esta que é informada por um viés acrítico do pesquisador, que procura adaptar o modelo à realidade, esquecendo-se que o processo social é dinâmico, exigindo uma leitura que leve em consideração as diferentes variáveis - social, econômica, histórica e ambiental -, que influenciam na análise final da realidade a ser interpretada.

## DO PÚBLICO AO PRIVADO

A pesquisa antropológica no seu desenvolvimento desvela algumas armadilhas que o pesquisador, na ânsia de testar seus modelos explicativos da realidade a ser traduzida, muitas vezes não consegue escapar. No campo de estudo das relações sociais de gênero, com ênfase na observação do papel da mulher, as noções preconcebidas, de senso comum, muitas vezes interferem na análise final, à medida em que o pesquisador se utiliza de algumas noções que geralmente traduzem a visão de mundo do grupo ao qual pertence. Nesse sentido, a análise da realidade do grupo em observação tende a ser filtrada por essas noções, fortemente marcadas por um viés que está relacionado à ótica dominante, masculina e ocidental, também presente nos discursos públicos das comunidades. Este viés vai demarcar as linhas de interpretação a serem utilizadas.

Nas etnografias consultadas, observamos que as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho que são apresentadas são baseadas em um discurso

que é elaborado para o “outro”, ou seja, para o pesquisador. Esse discurso é fortemente marcado pela ênfase que é dada à atividade econômica da pesca, onde a presença masculina é predominante. Esta fala para o exterior, para o outro, não expressa necessariamente apenas a visão dos homens, mas também das mulheres. Estas, interiorizam um modelo de divisão sexual do trabalho e de papéis de gêneros que na prática cotidiana pode ser redefinido. Reforçam o discurso dominante, o discurso público, quando avaliam seu trabalho a partir da ótica masculina, dominante. O discurso público é masculino, porque flui dos espaços marcadamente masculinos, do mercado, do barco etc., onde normalmente o pesquisador concentra suas observações.

O discurso privado, no entanto, não é um discurso apenas das mulheres, e que acontece nos espaços privados da casa, mas é também um discurso dos homens, à medida em que estes desempenham seus papéis de chefe de família, atuando no espaço da casa. As mulheres tendem a reproduzir o discurso masculino, pois sua identidade é construída a partir de sua alteridade, que é o homem. Este, por sua vez se define pelo trabalho que desenvolve e que é visível, a pesca. As falas, principalmente quando expressam a visão do grupo sobre o trabalho, traduzem mais a ótica masculina, cuja identidade está centrada na pesca, que é também um veículo de afirmação de um papel social marcadamente masculino, o de provedor da família. O trabalho da mulher, por outro lado, é o trabalho invisível, que não aparece, que faz e desfaz.

Nas sociedades pesqueiras, cujos valores estão centrados nas categoria de trabalho, parentesco, família e solidariedade, a construção da identidade social do homem se faz pelo trabalho na pesca. O reconhecimento do seu papel social também lhe é assegurado pelo desempenho da sua função de provedor da família, que é também um papel central na construção da sua identidade de gênero. O papel de provedor está estreitamente vinculado à noção de “honra”, categoria que também está presente em sociedades tradicionais. Este papel somente se efetiva através do trabalho que permite ao homem exercer seu papel social. Muitas vezes a participação da mulher em atividade de pesca, que seja geradora de renda, pode ser uma ameaça à honra do homem, à medida em que este passa a ser visto como incapaz de exercer seu papel social de provedor. Nesse sentido, o discurso masculino tende a invisibilizar o trabalho da mulher num espaço reconhecido como principalmente masculino, enfatizando a existência de um modelo bipolar de divisão do trabalho e também dos espaços. É um discurso que tende a confirmar e

reforçar seu papel social, posto pelo modelo simbólico, o “modelo ideal” de divisão sexual do trabalho. É esse discurso que, ao ser captado pelo viés acríptico do pesquisador, tende a enfatizar o modelo do grupo.

No entanto, quando o olhar do pesquisador se projeta para a realidade, para a vivência desse modelo, é possível verificar a existência de outro modelo que surge da prática ou “práxis” cotidiana. Este modelo contradita ou contrapõe-se ao “modelo ideal”, que sofre uma adequação ou é reelaborado simbolicamente e flui nos discursos e representações simbólicas do grupo, mas que nem sempre é perceptível ao olhar do pesquisador.

O modelo que surge da “práxis” é um “modelo negociado” (Woortmann 1986), em que no discurso para o externo é dito que a mulher não pesca. Na prática, porém, ela pode ser encontrada em atividades de pesca, que se desenvolvem em momentos, espaços e tempos distintos daqueles do homem. O trabalho da mulher na pesca, atividade vista como masculina, instaura um contraste entre as representações simbólicas e as práticas do grupo. No entanto, o grupo pode fazer uma série de adequações para que, na aparência, no discurso público, o “modelo ideal” exista de fato. Dessa forma, na construção de sua etnografia, o pesquisador não considera as adequações realizadas pelo grupo na divisão sexual do trabalho, e enfatiza o “modelo ideal”.

A contradição entre o “modelo ideal” e a práxis gera um novo modelo onde a divisão do trabalho é redefinida. Mas este outro modelo somente é perceptível quando o campo de investigação for ampliado para a percepção das representações da relação entre trabalho, corpo e gênero. Essa ampliação do campo da análise, para observação do universo de pesquisa enquanto totalidade, permite uma melhor compreensão da forma como o grupo se organiza para garantir sua reprodução enquanto tradição.

De acordo com o modelo bipolar de divisão do trabalho recorrente nas sociedades pesqueiras, a ausência da mulher do espaço produtivo da pesca é um fato etnográfico. Este modelo, no entanto, tem sido reificado pelo viés acríptico de alguns pesquisadores que tomaram a tradição pesqueira enquanto universo de pesquisa. Algumas vezes essa ausência decorre do privilegiamento dado à atividade econômica principal, a pesca, e ao elemento nela envolvido de forma predominante, o homem.

A ênfase que é dada pelo discurso intelectual antropológico ao trabalho na pesca transforma-se na ênfase ao masculino que obscurece e relega ao

segundo plano as atividades femininas. Toma sem importância a inserção e a relação da mulher com a pesca, seja enquanto participação efetiva, atuando diretamente nas atividades de captura, seja enquanto realizadora de atividades que permitem ao homem dedicar-se exclusivamente à atividade de captura, ou seja, confecção de covos (Carneiro 1979), salgagem de peixe (Peirano 1975), etc.

## PESCADORES E COLETORAS

Estudos sobre a organização do trabalho no universo pesqueiro apontam para algumas questões no que se refere ao papel da mulher e as relações de gêneros. Para respondê-las serão necessárias pesquisas direcionadas ao tema e, principalmente, que se repense o conceito de “pesca”<sup>5</sup>. Esta categoria tem sido utilizada de forma distinta para referir as atividades realizadas no meio aquático, seja nas águas litorâneas ou continentais. Talvez o entendimento da categoria “pescador” seja um primeiro passo para o entendimento do que é a “pesca”.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (Maldonado 1986:11), a categoria de “pescador” é definida como “os trabalhadores que se dedicam à captura de pescado e exercem as funções de membros das tripulações de barcos pesqueiros, executando diversas tarefas de pesca de altura - no caso dos pescadores marítimos - ou tarefas específicas da pesca de água doce e águas costeiras. Ainda fazem parte dessa definição os coletores de esponjas e pérolas, algas e sargaços, moluscos e crustáceos, os ostricultores, baleeiros e caçadores de focas”.

De acordo com essa definição, o gênero do pescador embora não apareça de forma clara, está implícito, pois a categoria aparece no masculino. Isso é significativo, por dois motivos; primeiro, porque deixa claro que a pesca é uma atividade masculina, realizada por homens; segundo, porque não distingue os espaços de produção, ou seja, pesca é toda atividade de apropriação de recursos aquáticos que ocorre tanto no mar, na área costeira (beira de praia), quanto na água doce, nos rios e lagos. No entanto, a noção de pesca parece

<sup>5</sup> Pesca, “ato de tirar alguma coisa da água”. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda.

ser muito fluida e pode ser redefinida de acordo com o contexto sócio-ambiental, com o grupo social onde ocorre. Este é o caso, por exemplo, da classificação diferenciada das atividades realizadas no meio aquático marinho, com base nas diferenças dos gêneros, observada em algumas comunidades litorâneas. A classificação expressa uma visão de mundo muito marcada pela divisão simbólica dos espaços, terra e mar. Este último, por sua vez, apresenta-se dividido em “mar de dentro” ou “mar de terra”, “mar alto” ou “mar de fora” (Cameiro 1979).

Essa divisão do espaço marítimo tem sido utilizado também como referencial para delimitar os espaços de atuação dos gêneros, e para classificar e valorizar, de forma diferenciada, as atividades que ocorrem nesses espaços distintos. No “mar alto” ou “mar de fora” ocorrem as atividades que são referidas como pesca. É onde acontecem as pescarias de grupos, dos que trabalham embarcado, as “companhas” (Duarte 1978). Nas comunidades litorâneas, onde predomina a pesca do “mar alto”, o homem aparece como a principal força de trabalho envolvida. Normalmente estas atividades são mais valorizadas do que as realizadas pelas mulheres, que, ao serem referidas como “coleta”, não alcançam o “status” de “pesca”.

No “mar de dentro” ou “mar de terra”, são realizadas as atividades de coleta de mariscos, algas, sargaços etc. Essas atividades mesmo sendo realizadas nas praias, enseadas e mangues, portanto no domínio do mar, nem sempre são referidas como pesca. Talvez por estarem resguardadas das intempéries e imprevisibilidades, características das atividades que são realizadas em “mar alto” (Diegues 1983); pelos elementos que as desenvolvem, pela quantidade de tempo e de esforço dispendido, pelo carácter da organização dos grupos de trabalho e pelo resultado da produção. Nas atividades de coleta, os elementos que predominam são as mulheres e as crianças, que no contexto social do trabalho na pesca desempenham um papel de coadjuvante, pois o personagem principal é o homem. Assim como as atividades do espaço doméstico, que faz e desfaz, as atividades de coleta são invisibilizadas e desvalorizadas.

No entanto, estas atividades são essenciais para a sobrevivência do grupo familiar, pois geram renda (Maldonado 1979, Tavares 1977). Juntamente com o resultado das atividades masculinas, essa renda é importante para a manutenção do equilíbrio do orçamento doméstico familiar. Independentemente do local onde se desenvolvem, para serem realizadas

ambas exigem um conhecimento prévio do ambiente e do objeto de trabalho, das condições mais adequadas e momentos apropriados para seu desenvolvimento. O resultado do trabalho, expresso numa renda monetária, é importante para a sobrevivência do grupo familiar, seja produto do trabalho do homem ou da mulher. A valorização diferenciada das atividades, com base numa divisão de espaço e na distinção dos gêneros, decorre muito mais de uma classificação arbitrária<sup>6</sup> do que pelo tipo de trabalho realizado. Torna-se necessário, portanto, distinguir o conceito de pesca para os grupos pesquisados, que variam de acordo com o ambiente natural que exploram, do conceito do pesquisador.

A divisão do trabalho nas comunidades pesqueiras reflete tanto uma visão de mundo como também expressa uma maneira de se apropriar do ambiente produtivo, ou seja, mar e terra. É uma divisão marcada pelo arbítrio, e se baseia fundamentalmente na diferença biológica dos sexos, tomada como referencial para estabelecer a diferenciação dos gêneros. Nesse sentido, as marcações de gênero utilizadas por um grupo pesqueiro específico para organizar o trabalho e estabelecer as relações entre os gêneros, nem sempre podem ser estendidas a outros grupos, cujas realidades históricas, culturais e ambientais podem ser absolutamente diferentes, variando de região para região. As diferenças também podem ser estendidas à forma como se dá a apropriação do espaço marítimo.

Existem comunidades pesqueiras onde as atividades de captura estão restritas aos ambientes da costa, das praias e dos mangues, num espaço mais próximo da terra. Nessas comunidades é possível identificar outras formas de apropriação e definição dos espaços, de divisão do trabalho e de valorização das atividades. Este é o caso da comunidade de Lençóis (Alencar 1991), as atividades de produção que ocorrem no ambiente marinho, são realizadas tanto por homens quanto por mulheres nos mesmos espaços, e com a utilização dos mesmos instrumentos de trabalho. A mulher participa dessas atividades, referidas como pesca, seja de forma individual ou enquanto membro dos grupos de trabalho, das equipes de trabalho. Em Lençóis, as atividades de pesca são valorizadas de forma equivalente, independente do gênero que as realizam ou dos espaços de efetivação.

<sup>6</sup> É arbitrária porque a construção das identidades dos gêneros se faz com base na diferença biológica dos sexos. A tradução cultural dessa diferença é que atribui funções e valores distintos para os gêneros.

O conceito de pesca é assim redefinido de acordo com o grupo social, a partir das formas como este se apropria do ambiente natural. No Nordeste do Brasil, por exemplo, as mulheres que realizam atividades de coleta de sargaço, caranguejos etc. (Maldonado 1986, Woortmann 1991), as mulheres “marisqueiras” que realizam a pesca do camarão na lagoa (Alencar *et al.* 1992), e as mulheres que fazem a “pequena pesca”, todas se autodefinem como “pescadeiras”. Elas tiram documentos (Maldonado 1986) que comprovam sua profissão, para adquirir carteiras de pescadeiras ou para aposentadoria. Com essa atividade, já tradicional, as mulheres “pescadeiras” têm garantido o sustento de suas famílias. E assim como na pesca do “mar alto”, a atividade que realizam exige um conhecimento sobre o ambiente em que atuam. Elas realizam um aprendizado das espécies que são mais vendáveis, das técnicas de coleta e de captura do peixe. Esse conhecimento, por sua vez, é transmitido aos filhos, dando, assim, continuidade a uma tradição.

A participação dessas mulheres em atividades de pesca (Alencar 1991, Carneiro 1979), ocorre num espaço definido simbolicamente como principalmente masculino, e o eixo de articulação é a organização do trabalho familiar. A família, enquanto uma unidade de produção e de consumo, enquanto uma totalidade, está centrada em fortes valores como a cooperação e a solidariedade entre seus membros. Tais valores são necessários para sua continuidade enquanto grupo e para realização de um projeto de vida.

Nas comunidades onde a atividade de pesca é realizada principalmente no “mar alto”, os pescadores permanecem embarcados por vários dias no mar, ou por várias horas no mar, fazendo o deslocamento para áreas afastadas das praias. A organização do trabalho nessas comunidades se efetiva principalmente por meio de grupos de trabalho, organizados a partir das afinidades estabelecidas fundamentalmente por laços de parentesco, compadrio, vizinhança, afetivos e de solidariedade. Nesses grupos a presença do homem é predominante, pois não encontramos registro de mulheres participando destas pescarias<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Marcia Grankow, 1991 (depoimento pessoal), observou no litoral do Rio Grande do Norte apenas uma mulher trabalhando com jangada na pesca da lagosta, atividade predominantemente masculina.

Apesar desta evidência etnográfica, é possível observar que, em alguns casos, a ausência da mulher das atividades de pesca que ocorrem no “mar alto” decorre, como já dissemos, tanto do privilegiamento dado à atividade que se desenvolve nesses espaços, quanto do elemento que aí se destaca como principal força de trabalho, o homem. Também depende do viés do pesquisador, que reifica as classificações dos grupos estudados, a partir da utilização de um modelo ideal que expressa as elaborações simbólicas do grupo e mascara a existência de um modelo que surge da “práxis”.

Este tipo de análise chama a atenção para um dado importante que ressalta nos estudos de comunidades pesqueiras, onde “não raro o discurso do pesquisador (...) replica o discurso público das comunidades estudadas, cuja identidade se constrói sobre uma atividade - a pesca - concebida como masculina, deixando de lado o discurso privado (...) O próprio discurso acadêmico, pois, relega ao silêncio o ponto de vista feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo” (Woortmann 1991:02). A existência de uma atividade feminina no mar, sejam as “marisqueiras” ou as mulheres que realizam a coleta de sargaço, crustáceos, moluscos, polvos, etc., e que se autodenominam como “pescadeiras”, revela uma “pesca feminina”. No desempenho dessas atividades, as mulheres organizam suas atividades de pesca, fabricam seus próprios materiais de trabalho, até mesmo “os botes e instrumentos de coleta de moluscos e crustáceos, chegando a adentrar no mar para trabalhar, mas sem ultrapassar os limites do mar de terra” (Maldonado 1986:22).

Como essas atividades normalmente estão adstritas ao “mar de dentro”, às beiras das praias, se diz que a mulher não pesca, pois, no âmbito “da pesca”, a preeminência da construção da identidade da comunidade é “a pesca do mar alto”. Como é a partir desta atividade que se vê o trabalho, a mulher aí não está. Torna-se excluída, ou então suas atividades, quando reconhecidas, são consideradas de menor importância, não sendo, portanto, classificadas como pesca. Esta categoria, como já dissemos, é utilizada apenas para referir às atividades realizadas no “mar alto”. Nesse espaço, são os homens que atuam de forma predominante.

Nas comunidades onde se pratica principalmente a pesca do “mar alto”, a organização do trabalho além de se basear numa divisão espacial, também se estrutura a partir da observação da temporalidade do trabalho do homem e da mulher. A divisão dos tempos do homem e da mulher está fortemente

marcada pela disponibilidade de um e de outro para realizar determinadas atividades. O tempo de trabalho da mulher é um tempo fragmentado que sofre influências e é limitado “pelos tempos da produção e da própria mulher” (Bruschini 1990:45). O tempo da mulher é natural e cíclico. É o tempo da reprodução, que está mais adequado ao ritmo biológico de seu corpo. Essa temporalidade impede que ela tenha uma disponibilidade maior para realizar determinadas atividades. Este tempo imprime uma lógica de distribuição das diferentes atividades que ela desenvolve, que é diametralmente oposta ao tempo e às atividades realizadas pelo homem.

Enquanto os homens possuem um tempo unicentrado na pesca, as mulheres possuem um tempo fragmentado, marcado pela superposição de tarefas. Nesse sentido, pensar o trabalho da mulher é pensar as formas como organiza seu tempo, pelo estabelecimento cultural da relação do tempo de trabalho com os tempos de seu corpo, do ciclo de vida de seus filhos e com os tempos sociais do trabalho produtivo.

### MULHER, GÊNERO E TRABALHO NAS ÁGUAS INTERIORES

Nos estudos realizados em comunidades pesqueiras localizadas em águas continentais, lacustres e ribeirinhas, à semelhança daqueles realizados com comunidades litorâneas, poucas são as informações sobre o papel da mulher e sua relação com a pesca. Quando é referida, ela está mais associada às atividades relacionadas com a agricultura, com o artesanato, com o espaço doméstico. Esta carência de informações deixa uma lacuna no que se refere ao conhecimento dessas comunidades e perguntas a serem respondidas. É também um espaço aberto para a realização de estudos que venham preencher as lacunas existentes.

Trabalhos como os de Furtado (1990, 1991), que tomou como cenário de investigação comunidades ribeirinhas da Amazônia que realizam basicamente a pesca como principal fonte de subsistência, fazem referência ao papel da mulher neste universo, mas sempre nessa perspectiva do trabalho fragmentado. Também fazem referências à existência de um modelo bipolar de divisão do trabalho, à semelhança do que foi verificado em algumas comunidades pesqueiras litorâneas.

Nesse universo das águas continentais, os estudos apontam para uma atuação da mulher que está mais voltada para a realização de atividades que

se efetivam no espaço da terra. Sua participação em atividades de pesca quase não é referida. Este fato chama a atenção para a necessidade de realizar estudos que permitam conhecer o papel da mulher e as relações de gênero no universo das águas continentais. Estabelecer um diálogo com as etnografias existentes sobre comunidades pesqueiras na Amazônia pode contribuir para este conhecimento. Para isso, é necessário fazer um levantamento de toda a bibliografia disponível para, a partir dos dados etnográficos, conhecer como a mulher e as relações de gênero têm sido construídas na literatura antropológica no universo das águas continentais, e os modelos de divisão do trabalho que são recorrentes.

### O TEMPO DO EXTRAORDINÁRIO E O TEMPO DA ROTINA

A participação da mulher em atividades de pesca, quando referida, traduz o “extraordinário” da sua rotina diária. Embora este fato demonstre que a mulher pode realizar a pesca, essa atividade é vista com restrições, recebendo cargas valorativas negativas. É tida como pouco significativa, do ponto de vista da renda que é gerada, devido à frequência e a intensidade com que é realizada. É apenas insinuada, falada nas entrelinhas ou em notas de rodapé, não merecendo uma descrição ou análise mais esclarecedora. “...É uma raridade, uma vez ou outra elas vão pescar”<sup>8</sup>.

No entanto, o “extraordinário” da participação da mulher em atividades de pesca é muito mais do que um fato isolado e esporádico. É uma evidência etnográfica que deve ser analisada, tomando o universo de estudo enquanto totalidade, estabelecendo as pontes entre as diferentes atividades que homens e mulheres realizam, de forma a reconhecer o valor que cada uma delas possui no contexto social do grupo como um todo. As pesquisas têm mostrado a mulher dentro de um contexto restrito, que é o do trabalho na pesca. Ela aparece de forma diluída, de maneira fotográfica, sem a devida contextualização no grupo social ao qual pertence. Sem enfatizar o papel que desempenha no contexto social do grupo estudado.

<sup>8</sup> Depoimento pessoal de Daniele Vianna sobre o trabalho das mulheres na comunidade de Camará, Zona do Salgado Paraense.

Embora seja uma espécie de “coringa”, um elemento que pode ser recorrido para realizar diferentes trabalhos, na agricultura, na casa, na socialização dos filhos, na confecção de artefatos domésticos, pouco é dito sobre o trabalho da mulher no espaço da produção pesqueira. Enquanto uma força de trabalho, a mulher está disponível para realizar essas diferentes atividades, desempenhando um importante papel na consecução dos projetos de vida do grupo familiar. O trabalho que realiza tem o sentido de garantir a reprodução e continuidade desse grupo enquanto tradição. No entanto, é essa fragmentação de tempo e de atividades que impede o reconhecimento e valorização do seu trabalho, principalmente quando se trata do espaço da atividade pesqueira. Pois se ela tem um tempo fragmentado, marcado pela superposição de atividades, o homem, por outro lado, possui um tempo unicentrado para a realização de uma única atividade, ou de duas no máximo, a pesca e a agricultura. Nesse sentido, mesmo quando ela realiza atividades de pesca, seu trabalho tende a ser invisibilizado, tomado com um fato “extraordinário”.

A pesca feminina é um fato e uma possibilidade. Ao invés de ser vista apenas como um fato “extraordinário”, que acontece em tempos imprecisos, merece ser vista também enquanto uma estratégia de vida do grupo familiar para garantir sua sobrevivência. É uma atividade que pode ocorrer com mais frequência, desde que haja uma redefinição dos papéis sexuais. A participação da mulher em atividades de pesca aponta para a possibilidade de uma regularidade, em uma temporalidade que ultrapasse o “extraordinário”. A existência desse “extraordinário” na vida das mulheres demonstra que elas podem realizar atividades de pesca, e o fazem. É necessário que se verifique a importância dessa participação, procurando contextualizá-la no interior da família, identificando os momentos em que ocorre essa participação (na safra do pescado? em outros ?); por que participa nesses momentos e em outros não? com quem ela participa e em quais locais? Essa participação faz parte de alguma estratégia do grupo familiar? Qual ?

A observação dessas questões nos permitiria conhecer em que nível e sob quais situações a mulher realiza atividades de pesca, ou seja, até que ponto ela realmente participa tanto quanto gostaria ou poderia participar? Qual o discurso para justificar a participação ou não dessas atividades? Qual a adequação simbólica do modelo de divisão sexual do trabalho que o grupo realiza para justificar a presença da mulher em atividades de pesca? Todas estas questões remetem à importância do viés do pesquisador na construção

etnográfica e interpretativa do objeto de estudo. Mostra a necessidade de distinguir o discurso para o público, para o externo, da prática da comunidade.

A participação da mulher em atividades de pesca, seja de forma direta ou enquanto uma relação orgânica com o processo de trabalho como um todo, somente é possível porque ela detém um saber sobre o universo no qual está inserida. Este saber expressa não somente um conhecimento dos diferentes fenômenos naturais que interferem nessa atividade, os procedimentos necessários para a confecção de materiais de pesca - os diferentes tipos de redes e outros instrumentos - como também as diferentes etapas de realização das várias modalidades de pesca. Também é conhecedora de todas as variáveis temporais desta atividade e possui um conhecimento ictiológico que lhe permite identificar as várias espécies de peixe, os momentos de safra, locais de ocorrência, e distinguir as espécies mais adequadas para o consumo, principalmente quando em momentos especiais do seu ciclo biológico. Este conhecimento é possível porque ela faz parte de um universo, de uma totalidade, e isto lhe permite acompanhar diariamente e também participar das diferentes atividades sociais do grupo, na realização do processo produtivo na pesca. Portanto, assim como o homem, a mulher possui condições de realizar a pesca, mas precisa superar as distinções de gêneros que são feitas pelo grupo, para se realizar enquanto ser social.

## CONCLUSÃO

Quando se estuda a organização do trabalho na pesca, observamos que os critérios de divisão sexual do trabalho, assim como a construção da diferença dos gêneros, ocorre de forma arbitrária, sempre informado por um arcabouço cultural. Nesse sentido, não podemos pensar num modelo único de divisão sexual do trabalho que seja extensivo às populações pesqueiras como um todo. Devemos pensar em modelos que surgem de uma prática, de acordo com as especificidades sociais, históricas, culturais, econômicas e ambientais de cada grupo social. A coexistência de dois modelos, o ideal e o modelo negociado, é um fato que precisa ser considerado, sob pena de empobrecimento da análise final. No que se refere à participação da mulher em atividades de pesca, os paradoxos são muitos. As respostas aos questionamentos serão obtidas por meio de estudos mais objetivos, com o levantamento de dados etnográficos que dêem conta do papel que a mulher desempenha nas sociedades pesqueiras.

Tomar o trabalho da mulher como objeto de estudo, fazendo a contextualização necessária no universo em que está inserida, constitui-se num novo enfoque a partir do qual o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho em pequenas comunidades pesqueiras poderá ser revisto. Mas, para se conhecer o papel da mulher, é necessário conhecer também o processo de construção das identidades de gêneros, pois é na observação das relações que se estabelecem entre os gêneros, que se pode conhecer o papel da mulher num grupo social específico.

#### AGRADECIMENTOS

A Wilma Leitão, pela leitura crítica e pelas sugestões, que contribuíram para amadurecer algumas idéias. A Lourdes Furtado, pela leitura do manuscrito e pelo incentivo a publicar este artigo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. F. 1991. *Pescadeiras, Companheiras e Perigosas: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA*. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia, 188 p. Tese de Mestrado.
- ALENCAR, E.F. 1992. Relatório Final do Projeto "Sistemas de Signos, Significações e Práticas de Saúde Mental na Bahia". Salvador, UFBA / Departamento de Medicina Preventiva, mimeografado.
- BRUSCHINI, M.C.A. 1990. *Mulher, Casa e Família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo, Vértice.
- CARNEIRO, S. D. 1979. *Terra Liberta*. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia. Tese de Mestrado.
- CHANC, L. de G.M. 1973. *Trabalho e subsistência, Almofala; Aspectos da Tecnologia e das Relações de Produção*. Dissertação de Mestrado, RJ, UFRJ.
- DIEGUES, A.C. S. 1983. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo, Ática.
- DUARTE, L.F.D. 1978. *As Redes do Suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção do -peixe em Jurujuba*. Rio de Janeiro, UFRJ/MN. Tese de Mestrado.
- FURTADO, L. G. 1987. *Curralista e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

- FURTADO, L.G. 1988. *Pescadores do rio Amazonas*. São Paulo, USP. Tese de Doutorado.
- FURTADO, L.G. 1990. *Status de la femme dans les sociétés des pêcheurs artisanaux: un récit d'une expérience en Amazonie*. Paris, CNRS/CETMAR, Séminaire "Les fonctions des femmes dans la sociétés des pêcheurs".
- IBGE, 1980. Censo de 1980. Estado do Maranhão. São Luís.
- MALDONADO, S. C., 1986. *Pescadores do Mar*, São Paulo, Ática.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. 1977. "Trabalhadeiras" e "Camarados": um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia. Tese de Mestrado.
- PEIRANO, M. G. S. 1975. *Proibições alimentares numa comunidade de pescadores*. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia. Tese de Mestrado.
- TAVARES, M. G. P. 1979. *Um estudo de Tomada de Decisão (decision making) na pesca artesanal: Icarai (CE)*. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia. Tese de Mestrado.
- WOORTMANN, K. A. A. W., 1986. *A família das Mulheres*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, CNPq.
- WOORTMANN, E. F. 1991. *Da Complementariedade à Dependência: a mulher, o tempo e o ambiente em comunidades "pesqueiras" do Rio Grande do Norte*. Brasília, UNB / Departamento de Antropologia.